

DISCURSIVIDADES CONTEMPORÂNEAS E DICIONÁRIO

José Horta Nunes

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Objetivamos neste trabalho refletir sobre a inserção de discursividades contemporâneas em dicionários de língua portuguesa. Para isso, vamos observar de que modo a lexia "arte contemporânea" e outras relacionadas a ela são ou não definidas em um conjunto de dicionários de língua portuguesa e nos sítios do *Wikcionário* e da *Wikipédia*. Os dicionários consultados foram o Ferreira (1999), Houaiss e Villar (2001), *Dicionário da Academia de Lisboa* (2001), o *Wikcionário* (WIKIPEDIA FOUNDATION 2007a) e a *Wikipédia* (WIKIMEDIA FOUNDATION 2007b). Incluímos estes dois últimos por serem sítios dos mais visitados na Internet.

As discursividades contemporâneas podem ser consideradas como uma forma do discurso do novo, no qual se dá a instituição de novos sentidos. Elas são próximas, portanto, dos discursos fundadores, na medida em que eles trabalham a passagem do sem-sentido ao sentido (cf. ORLANDI 1993, p. 11). As novas discursividades, entrelaçadas aos acontecimentos, se mostram como lugares de instabilidade, nos quais as ligações entre as palavras e as coisas não estão estritamente ajustadas. Os equívocos são mais visíveis e as nomeações falham.

Enquanto isso, os dicionários são lugares de estabilização dos sentidos. No processo de inserção das novas discursividades no instrumento lingüístico ocorre uma migração de sentidos, da qual resultam transferências e deslocamentos na passagem de um a outro discurso. Depois de ressoar diante do acontecimento, os discursos tornam-se objeto de um trabalho de arquivo e de construção de uma memória institucionalizada nos dicionários.

Vejam os como se dá esse jogo entre a instabilidade e a estabilidade quanto à lexia selecionada para análise. Nos dicionários Houaiss e Villar (2001) , Ferreira (1999) e *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), a lexia "arte contemporânea" não aparece. Além disso, no verbete "arte", após as acepções relativas a essa entrada, são enumeradas e definidas várias unidades lexicais, como vemos no dicionário Houaiss e Villar (2001): *arte concreta*, *arte de vanguarda*, *arte moderna*, dentre outras, mas não *arte contemporânea*. O mesmo se nota nos outros dicionários consultados. Vemos aí uma primeira regularidade: a ausência da adjetivação "contemporânea" nos verbetes analisados.

O único lugar onde encontramos a lexia "arte contemporânea" foi na Wikipédia (WIKIMEDIA FOUNDATION 2007b). Isso parece ser um índice de que esse instrumento é um dos que têm abrigado as discursividades contemporâneas. E que em alguns casos o saber enciclopédico precede o saber lingüístico. Na Wikipédia, os resultados são mostrados na tela diretamente, sem passar pelo verbete "arte". O texto traz uma definição concisa, seguida de comentários históricos e enciclopédicos. A "arte contemporânea" é definida como "um período artístico que surge na segunda metade do século XX e se prolonga até aos dias de hoje.". Nessa definição somente a significação temporal é contemplada, ou seja, aquela que vê a arte contemporânea como um "período" artístico. Na continuidade do verbete, os sentidos são identificados por meio da diferenciação de períodos artísticos que se sucedem. Assim, a *arte contemporânea* se distingue da Arte Moderna de inícios do século XX ("A arte começa a incorporar ao seu repertório questionamentos bem diferentes das rupturas propostas pelas Arte Moderna e as Vanguardas Modernistas.") e da Arte Pós-Moderna ("Digamos que surge um novo conceito de modernidade, e a arte moderna começa a apagar-se dando lugar à Pós-

Modernidade. Desta surge depois num novo período com uma arte renovada, adaptável, prática, funcional, mas ainda sem nome.").

No momento em que o período da arte contemporânea é apresentado, o verbete o aborda como "ainda sem nome". Nota-se aí que o novo discurso está nas fronteiras do sem-sentido. Podemos considerar esse fato como uma das figuras de *não-coincidência entre as palavras e as coisas*, de acordo com J. Authier-Revuz (1998, p. 24). O real a nomear escapa ao simbólico. A falta da nomeação se mostra como um modo de dizer ausente, não realizado, deixado em suspense e projetado para uma futuridade.

E essa futuridade da nomeação surge na seqüência do verbete, quando se chega aos anos 70: "Na década de 70 a arte contemporânea é um conceito a ter em conta.". Aqui a nomeação já se apresenta estabilizada e entram em cena, ao modo da enumeração e dos links, os movimentos do período:

A partir de meados das décadas de 60 e 70, notou-se que a arte produzida naquele período já não mais correspondia à Arte Moderna do início do século XX. A arte contemporânea entra em cena a partir dos anos 70, quando as importantes mudanças no mundo e na nossa relação de tempo e espaço transformam globalmente os seres humanos.

Entre os movimentos mais célebres estão a Op Art, a Pop Art, o Expressionismo Abstracto, a Arte conceptual, a Arte Povera, o Minimalismo, a Body Art, o Fotorrealismo, a Internet Art e a Street Art, a arte das ruas, baseada na cultura do grafiti e inspirada faccionalmente na geração hip-hop, tida muitas vezes como vandalismo.

Poderíamos seguir vários desses *links* dos movimentos da arte contemporânea para prosseguir na análise. Mas vamos nos deter somente em um deles, que nos chamou a atenção pelo modo de definição. Trata-se do enunciado "Street Art, a arte das ruas, baseada na cultura do grafiti e inspirada faccionalmente na geração hip-hop, tida muitas vezes como vandalismo.", no qual se nota uma posição ideológica que associa a "arte de rua" às divisões sociais em facções ("faccionalmente") e ao "vandalismo", que conforme a mesma Wikipédia "é uma ação motivada pela hostilidade contra a arte de uma cultura, ou destruição intencional de bens e propriedades alheios".

Ao clicarmos no *link* "street art", que é o hiperônimo que domina os nomes *grafiti*, *hip-hop* e *vandalismo*, nos deparamos com o aviso "Seguiu uma hiperligação para um artigo que ainda não existe". Isso mostra primeiramente o equívoco que coloca lado a lado o nome em inglês (*street art*) e o nome português (*arte das ruas*) e depois a falta de definição como o possível do sentido, na medida em que os leitores são convidados a escrever os verbetes. Assim, ao ser significada como *arte contemporânea*, a "arte de rua" se mostra como um real que falta (sem definição) e também como um real interpretado da posição do proprietário que se vê ameaçado por essas práticas urbanas e as nomeia como "faccionais" ou como "vandalismo".

Voltemos agora, na espiral da análise, às consultas aos dicionários de língua. Nos quatro dicionários pesquisados não há o verbete *street art* e no verbete "arte" dos mesmos dicionários não há a subentrada "arte de rua". Tal ausência confirma que algumas palavras, tomadas como índices de discursividades contemporâneas, não estão inseridas nos dicionários, ou aparecem de modo raro, como acontece com *hip-hop*, pois essa palavra somente está registrada em Houaiss (2001):

hip-hop /'hip-hap/ [ing.] s.m.2n. (1983) movimento cultural da juventude pobre de algumas das grandes cidades norte-americanas que se manifesta de formas artísticas variadas (dança, rap, grafites etc.). (HOUAISS E VILLAR 2001)

A definição de *hip-hop* nesse dicionário restringe seu alcance à "juventude pobre de algumas das grandes cidades norte-americanas", o que silencia os sentidos que ele adquire no Brasil, ao passo que ressalta a condição econômica ("pobre") dos sujeitos.

Já a entrada *grafite* encontra-se em todos os dicionários. Na série abaixo elencamos somente as acepções relativas ao *grafite* enquanto escrita urbana:

grafite: (...) 2. Palavra, frase ou desenho, geralmente de caráter jocoso, informativo contestatório ou obsceno, em muro ou parede de local público. (FERREIRA 1999)

grafite s.m. rabisco ou desenho simplificado, ou iniciais do autor, feitos, ger. com *spray* de tinta, nas paredes, muros, monumentos, etc., de uma cidade; (HOUAISS E VILLAR 2001)

grafito [grafitu]. *s.m.* (Do it. *graffito*) 2. Frase, palavra ou desenho geralmente de carácter jocoso, contestatário, obsceno, informativo, em muro ou parede de local público." (DLPC 2001)

gra.fi.te masculino (plural: grafites)

1.(arte) forma de arte urbana. Pinturas feitas nas paredes e nos muros das ruas. (WIKIMEDIA FOUNDATION 2007b)

Percebe-se nesta série que os três primeiros dicionários definem *grafite* ou *grafito* como um escrito ("palavra", "frase") ou um "desenho", seja com a determinação de um sentido "contestatário", como em Ferreira (1999) e DLPC (2001), seja de modo técnico, sem índices de movimento social ou político, como em Houaiss e Villar (2001). Note-se que nenhum desses três dicionários define *grafite* como "arte". Já o verbete do *Wikcionário* é uma excessão nessa série, pois é o único que define *grafite* como arte ("forma de arte urbana"). Além disso, a técnica não é a de "desenho" ou "rabisco", mas a de "pintura". Há também um deslocamento que vai do "público" e da "cidade" para as "ruas" como local de prática do grafite. Todas essas marcas remetem à formação discursiva que determina a *Wikipédia*, da qual o *Wikcionário* é complemento, e que, como vimos, trata o *grafite* como uma "arte de rua".

Conclusão

O estudo das novas discursividades leva a compreender melhor a dimensão do acontecimento e do modo como ele demanda sentidos e é interpretado. Na migração dos sentidos novos para os discursos de estabilização, como os dicionários, nota-se inicialmente uma falta na relação do real com o simbólico: ausências de entradas, faltas ou excesso de nomes, nomes sem definições, equívocos multilíngües, definições sem hiperônimos.

Como lugar de captura dos discursos do contemporâneo, a enciclopédia *on-line* se mostrou mais sensível ao acontecimento, o que acena para mudanças significativas

nas tecnologias de linguagem e, ao mesmo tempo, para as limitações dos instrumentos lingüísticos. Parece produtivo, diante disso, relacionar o estudo da hiperlíngua e dos instrumentos lingüísticos (AUROUX 1992) com o da *língua fluida* e da *língua imaginária* (ORLANDI 1990), e também com o do *acontecimento* discursivo (PÊCHEUX 1990). Assim, concluímos levantando as questões que seguem: de que modo os acontecimentos da hiperlíngua irrompem enquanto língua fluida e são representados pela língua imaginária? Como a estabilização das novas discursividades constrói filiações históricas e conduz a trabalhos de arquivo e de construção de memória? De que maneira as novas tecnologias de linguagem condicionam gestos de leitura, modificando a temporalidade da hiperlíngua?

Referências bibliográficas

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas - As não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOUAISS, Antônio, e Mauro de Salles VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- INSTITUTO de Lexicologia e Lexicografia da Academia das Ciências de Lisboa. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à vista - discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/Cortez Editora, 1990.

—. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

—. *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*.

Campinas: Pontes Editores, 1993.

PÊCHEUX, M. *Estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes Editores, 1990.

WIKIMEDIA FOUNDATION. *Wikcionário*. [online] Disponível na Internet via

WWW. URL: <http://pt.wiktionary.org>. Última atualização: 31 de março de 2007, 2007a.

—. *Wikipedia*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikimedia>. Última atualização: 23 de Setembro de 2007, 2007b.